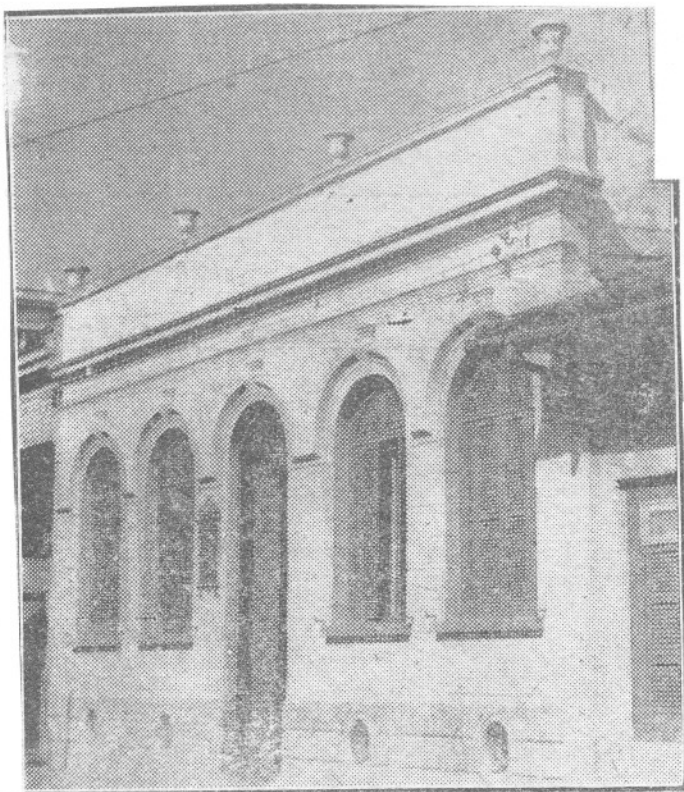




CMUHE011462

F.1.

REZENDE, Carlos Penteado de. O compositor d' "O Guarani" e os seus biografos: voltando ao passado – um pouco de história – erros nas biografias de Carlos Gomes – resposta ao sr. Jolumá Brito – além de erros, plágios. Correio Paulistano, São Paulo, 25 dez. 1954. (suplemento)



No local em que se ergueu esta casa, em Campinas, conforme placa ali colocada por iniciativa do Centro de Ciências, Letras e Artes, nasceu o genial compositor de "O Guarani".

HA alguns anos atrás, era eu ainda estudante de direito, comecei a reunir informações e elementos para escrever um trabalho sobre a vida do compositor paulista Alexandre Levy. De pesquisa em pesquisa, vim a saber que o pai de Alexandre, o comerciante israelita Henrique Luiz Levy, havia sido amigo e companheiro de Carlos Gomes no início da carreira deste. Não somente por uma carta deixada, o velho Levy revelou que acompanhara o Tonico de Campinas, quando este, abandonando o lar paterno, fugira para o Rio de Janeiro em 1859.

Analisando mais detidamente esse episódio, e recorrendo a outras fontes, pude observar que os autores que sobre ele discorreram divergiam em diversos pormenores. É evidente que a pessoa que leu, ou pelo menos consultou, mais de um livro versando sobre o mesmo assunto, está apta a verificar discordâncias, falhas e omissões nas diferentes obras manuseadas. Procurei, pois, enxergar claro no meio da confusão e, se possível, lançar mais luz em torno do problema. Tendo em vista apenas um objetivo: a verdade histórica. Ao consultar o "Correio Paulistano", o mais autorizado jornal da época, descobri o que até então faltava às biografias de Carlos Gomes no caso em apreço: as datas certas dos concertos por ele, Levy e Sant'Ana Gomes realizados na Pauliceia, antes de fugir para a Corte, e também o programa do espetáculo em que foi cantado — tudo leva a crer que pela primeira vez — o celebre Hino Acadêmico.

De tudo isso resultou um artigo, escrito por ocasião do cinquentenário da morte de Carlos Gomes e publicado na "Revista Brasileira", n.º 20, em abril de 1948. Nele, porém, não inclui, por então desconhece-las, as preciosas informações de Salvador de Mendonça, e outras, de menor valor, só posteriormente encontradas.

Faz pouco tempo, a 7 de novembro deste ano, estampou o suplemento do "Correio Paulistano" colaboração minha na qual demonstrei o quão valiosas eram para os estudiosos do passado as coleções daquele centenário órgão da imprensa bandeirante. De passagem, aludi ao episódio dos concertos de Carlos Gomes em São Paulo e da sua fuga para o Rio de Janeiro em 1859, mencionando alguns autores que a respeito desse tema se manifestaram de maneira confusa ou errada. Entre eles, o sr. Jolumá de Brito.

Deu-me o referido sr. Jolumá Brito a honra de correr os olhos pelo meu artigo. Parece que se doeu com a citação de seu nome e veio pelo "Diário do Povo", de Campinas (edição de 9 de novembro de 1954) responder um tanto desabridamente às minhas alegações.

Ora, o sr. Jolumá Brito, que preza bastante a figura de Carlos Gomes, a ponto de escrever-lhe a vida, parece prezar-se mais a si próprio quando afirma, textualmente, que "a mais completa biografia de Carlos foi escrita por este outro modesto caboclo" (no caso, éle proprio, Jolumá). Muito bem!... Esbarramos aí num Tabu, num dono de assunto, em alguém que ao escrever opera pelo sistema infalível do "magister dixit!" Vai ser difícil, por conseguinte, arrostar a sapiencia do integro biografo, que sem a menor cerimonia acima de pretensiosos quantos ousem discordar dos seus bem fundamentados (?) pontos de vista...

Esqueceu-se, porém; o sr. Jolumá Brito de que em Historia o que vale é sempre a melhor prova, o melhor documento. Os fatos individuais e sociais de outrora podem e devem ser revistos à luz de novos elementos, desde que em torno deles pairem duvidas e incorreções. E' missão do historiador procurar a Verdade, onde quer que ela esteja. Descoberta, apurada, esquadrinhada, será tida em conta, com definitiva, enquanto não surgir alguém, ou um novo documento, que prove o contrario. A Historia é, assim, uma ciencia eminentemente perfectivel. Não há historiador que não tenha cometido, pelo menos uma vez, em sua carreira, um equívoco, um erro, uma omissão. Errar não é privilegio, nem desdouro de ninguém: faz parte da nossa fragil condição humana. Por isso mesmo, ao argumento do "magister dixit", prefiro o mais racional do "Amicus Plato, sed magis amica veritas".

Acontece, todavia, que o sr. Jolumá Brito não é historiador. Levou, afirma ele, cerca de dez anos pesquisando a vida de Carlos Gomes, para enfim lançar, em 1936, pela Livraria Editora Record, de S. Paulo, o seu livro "Carlos Gomes" — ("O Tonico de Campinas"). Trata-se de um romance, ou melhor, de uma narrativa romaneada, com um prefacio laudatorio, sem notas ao pé da pagina, sem citações e sem bibliografia final. A obra teve o merito de servir às comemorações do centenario de nascimento de Carlos Gomes.

Esse romance historico, narrativa romaneada, ou o que seja, não pode, como é logico, fazer fé em materia de Historia. Será lido

por leigos, em horas de folga, com maior ou menor agrado, mas nunca levado a série pelos estudiosos. Pertence a um genero hibrido, perigoso, que não exige do autor as galas da imaginação, proprias do romance, nem o rigor das provas e a justeza dos comentarios peculiares a Historia; genero dubio, que exime o escritor de responsabilidades em assuntos historicos e o livra de esforços inventivos...

Causou-me, pois, certa surpresa a inutil réplica do sr. Jolumá Brito, (cujo nome apenas citei entre outros, no meu artigo), evidenciando a vaidosa susceptibilidade daquele que se julga — o mais completo biografo de Carlos Gomes...

Já que éle assim o quis, procurarei analisar e esclarecer melhor o discutido episodio de 1859. Trata-se de historia miuda, em torno de datas, de nomes e de fatos parciais da vida daquele que foi, mais tarde, musico de fama internacional. Embora da importancia relativa, esses elementos merecem ser elucidados por amor à Verdade. Verão, pois, os leitores, varios erros e desacertos existentes não só no livro do sr. Brito como nos de outros biografos de Carlos Gomes.

- o -

E' de uma pobreza substancialmente franciscana a relação das biografias de Carlos Gomes. Aféra uma infinidade de pequenos artigos esparços, estudos, memorias, crônicas, discursos e poesias, dados à luz em revistas, livros e jornais de diversas épocas, contam-se pelos dedos as obras dedicadas "exclusivamente" à vida do compositor do "Guarani". Ainda há pouco, em 1952, o Instituto Nacional do Livro fez publicar uma "Bibliografia Musical Brasileira", do prof. Luiz Heitor Correia de Azevedo e outros colaboradores. Percorrendo-a, na parte dedicada aos "Músicos", poder-se-á ver que livros, mesmo, tendo por unico objeto a personalidade de Carlos Gomes, foram arrolados apenas... quatorze! Destes, a metade tem menos de cem paginas (alguns com 31,32 e 37 paginas); os restantes são mais desenvolvidos. E' pouco, é pouquissimo, é ridiculo para um musico da importancia de Carlos Gomes! De quem a culpa: dos escritores preguiçosos, dos editores timoratos, ou dos incertos leitores? Quem o saberá? Vejamos, porém, o que mais de perto nos interessa. Coloquemos em ordem de antiguidade os autores que primeiro escreveram sobre a vida de Carlos Gomes — responsaveis, portanto, pela maior parte das informações de natureza biografica que correram o Brasil de norte a sul, principalmente naquilo que se refere ao episodio de 1859.

Abre a fila o entusiasta Luiz Guimarães Junior, cuja obra, em 71 paginas, foi editada no Rio de Janeiro em 1870, com o titulo: "A. Carlos Gomes — Perfil biografico". Abrange, portanto, porção restrita da vida do maestro campineiro. Foi escrita um tanto às pressas, antes da estreia do Guarani no Rio de Janeiro, tendo como base as informações dadas por Carlos Gomes (recem-chegado da Italia e afastado do Brasil fazia alguns anos), e outras fornecidas por Salvador de Mendonça. Feita esta critica prévia, é licito perguntar se há algum erro no livro de Luiz Guimarães Junior. Vejamos.

A' pagina 17 escreveu éle: "A. Carlos Gomes nasceu em Campi-

nas, cidade de São Paulo, a 14 de junho de 1839. Foram seus pais Manuel José Gomes e d. Fabiana Jaguari Gomes, naturais da mesma cidade. Conta hoje portanto o nosso fulgurante maestro 31 anos de idade”.

Nascido em 1839: eis aí um erro elementar, que foi repetido anos a fio e copiado por autores de renome, como Sacramento Blake no seu “Dicionário Bibliográfico Brasileiro”. Nem se diga que houve erro tipográfico. A referência é expressa: conta hoje (1870) 31 anos de idade. 1870 menos 31 dá o número 1839. Luiz Guimarães Junior, portanto, es-

Outro erro no trecho supracitado: Manuel José Gomes não era natural de Campinas e sim de Parnaíba! Uma falha: o no-

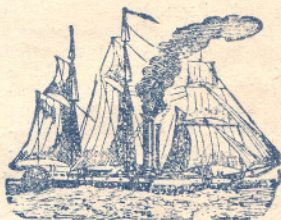
**CARLOS PENTEADO DE
REZENDE**
(Do Instituto Historico e
Geografico de S. Paulo)

me inteiro da mãe do Tonico era D. Fabiana Maria Jaguari Car-goso!

A pagina 29, em nota, vem um

la filha do Maestro!) foi de novo preciso aparecer um... pre-tencioso, em condições de deslin-dar o assunto: Benedito Otavio, na “Revista do Centro de Ciencias, Letras e Artes” (Campinas, 1916, n. 45). As informações de Benedito Otavio foram posterior-mente confirmadas pelo dr. Ode-cio de Camargo, em artigo pa-rra a mesma Revista (ano 22, n. 56, julho de 1936, pags. 23-34):

Manuel José Gomes casou-se ape-nas tres vezes, tendo tido, porem, logo após o primeiro matrimonio dissolvido, uma ligação extra-le-gal. De identica ligação com a formosa Fabiana provieram ape-nas dois filhos: José de Santana Gomes, nascido em 1834, e Car-



NOVA TABELLA

INVARIÁVEL

das viagens que deve fazer
entre Santos e o Rio de Ja-
neiro o veloz e acreditado
vapor

JOSEPHINA.

EM TODOS OS MEZES.

Partirá de Santos a 1, 11 e 21
Voltará do Rio a 6, 16 e 26.

Sahindo de ambos os por-
tos às 9 horas da manhã.

SANTOS - 1833. TYP. COMMERCIAL.

Em 1859, o mestre do vapor “Josefina”, era o sr. Carlos Antonio Gomes (Do arquivo do dr. Frederico de Barros Brotero)

crevendo debaixo das vistas do proprio Carlos Gomes, errou re-dondamente neste pormenor! Só muitos anos depois é que apareceu um... pretencioso (usemos a terminologia do sr. Jolumá Brito) capaz de rebuscar os arquivos e trazer à luz do dia a data certa do nascimento: 11 de julho de 1836. (Creio haver sido Leopoldo Amaral, no livro “Campinas em 1900”).

outro engano. Afirma Luiz Gui-marães Junior que o pai de Car-los Gomes se casara quatro vez-es, sendo que da primeira mu-lher não tivera filhos — “da se-gunda 12; da terceira (mãe de Carlos Gomes) 8, da quarta 6, fora os mortos!”

Para corrigir esse erro dos qua-tro casamentos (e tambem da se-riação dos filhos), reproduzido por varios autores (inclusive pe-

los, em 1836. Somente em 1840 é que Manuel José Gomes lega-lizou a sua situação, legitimando assim os seus dois filhos.

No entanto, a nota de Luiz Gui-marães Junior, citada linhas aci-ma, foi obtida do proprio Carlos Gomes! Leva-nos isso a conje-turar o seguinte: é possível que até aquele ano de 1870 não co-nhecesse o Tonico maiores deta-lhes acerca de sua situação fa-miliar; ou, se sabia de alguma

coisa, procurou disfarçar, ocultar, para não comprometer, diante da severa sociedade patriarcal dos tempos imperiais, a sua posição individual e o renome que alcançara com o êxito do "Guarani" no Scala de Milão, em março de 1870. (1)

Por aí se vê que o livrinho de Luiz Guimarães Junior não merece inteira fé. Lido com atenção, devem ser aceitas com reservas as suas informações. Se o analisei mais detidamente foi para revelar, com antecipação, em que fragil base se apoiou o sr. Jolumá Brito para vir argumentar contra mim.

Ao trabalho de Guimarães Junior seguiu-se, dez anos após, um artigo da lavra de F. Quirino dos Santos, escrito em Campinas em outubro de 1880 e publicado no "Almanach Literario de São Paulo para 1881", de José Maria Lisboa.

Francisco Quirino dos Santos era campineiro de nascença, estudou na Faculdade de Direito

de São Paulo de 1859 a 1863 e foi jornalista, poeta e advogado brilhante em sua cidade natal. Além de haver conhecido Carlos Gomes em pequeno, deve ter presenciado a atuação dos irmãos Gomes na Pauliceia, em 1859, quando cursava o 1.º ano de Direito. Podem, portanto, ser tomadas em consideração as suas palavras, sobretudo no que se refere à passagem de Carlos Gomes por São Paulo, muito embora haja ele repetido a data de nascimento errada do livro de Luiz Guimarães Junior.

Em 1904, no livro "Artistas do meu tempo", Mello Moraes Filho dedicou um capítulo a Carlos Gomes, reproduzindo de certa maneira, no que tange à fuga de Tônico para a Côte, o roteiro traçado por Luiz Guimarães Junior.

Em 1905, Carlos Ferriera fez publicar em Campinas a obra "Feituras e Feições", nela incluindo capítulo sobre Carlos Gomes escrito em 1897. Baseou-se, em linhas gerais, nos trabalhos anteriores de Guimarães Junior e Quirino dos Santos. (Veja-se que o que nos interessa de preferencia é o caso de 1859). Apesar de ter morado em Campinas e de ter sido "confidente" (palavra dele) de Carlos Gomes, nada de novo apresentou sobre o episodio.

Ainda em 1905, no "Jornal do Comercio" do Rio de Janeiro de 2 de julho daquele ano, surge excelente artigo de Salvador de Mendonça, intitulado "Carlos Gomes intimo". Ora, Salvador de Mendonça foi primeiranista de direito em São Paulo justamente em 1859 e nessa ocasião conheceu bem de perto o Tônico de Campinas. As suas reminiscencias, apresentando pormenores até então ignorados, impressionam pela clareza e segurança. E' justo, pois, que sejam tomadas em consideração.

O curioso é que Mendonça lembra incidente ocorrido com o Tônico num circo em São Paulo (a ferradura que se soltou de um cavalo e foi-lhe bater no rosto, quebrando-lhe um dente) e que esse mesmo incidente haja sido narrado no livro de Rafael Duarte "Campinas de Outrora" (pag. 274), publicado na terra das andorinhas em 1905. (O prefacio do livro é de março de .. 1905). A coincidência da noticia veiculada em lugares diferentes, por pessoas estranhas entre si, confirma a veracidade do fato.

Em 1908, o dr. Almeida Nogueira editou a Quinta serie das suas "Tradições e Reminiscencias", na obra incluindo os estudantes formados na Academia de Direito em 1859, entre eles Bitencourt Sampaio, autor da letra do Hino Academico, e Azarias Botelho, "o braço direito" de Carlos Gomes na Pauliceia. As informações do dr. Almeida Nogueira, com respeito a certos pormenores do episodio, são um tanto vagas e precisam passar pelo crivo de uma analise.

Em 1913 saiu à luz o livro do baiano Silio Bocanera Junior, "Um Artista Brasileiro", reproduzindo grande copia de documentos sobre Carlos Gomes. Importante, nele, é a carta já citada de Henrique Luiz Levy, que pode ser aceita como veraz em suas linhas gerais (vide pags. 303-305), dada a amizade que sempre existiu entre Levy e o Tônico.

Em 1916 foi a vez de Benedito Otavio. As suas "Notas para um estudo biografico" apareceram na "Revista do Centro de Ciencias, Letras e Artes", de Campinas (n. 45). São criteriosas, contêm novidades. Peca, porém, o autor, ao perfilhar sem mais exame opiniões de Luiz Guimarães Junior e Almeida Nogueira.

À pagina 51 da Revista mencionada, garante Benedito Otavio que "a partida de Carlos Gomes para a então capital do Imperio, via Santos, se deu a 20 de junho de 1859, data pouco sabida, mas importante para a historia do Tônico de Campinas". Essa informação foi provavelmente extraída do livro de Silio Bocanera Junior ("Um Artista Brasileiro" pag. 10) onde se lê: "Carlos Gomes tendo partido, precipitadamente, a 20 de junho de 1859, de São Paulo para o Rio de Janeiro (...)". A asserção parece meio cabalística, pela falta de apoio documental.

Vistos, assim, de relance al-

guns autores que em épocas mais recuadas escreveram sobre Carlos Gomes, diga-se que os biografos mais recentes neles se abeberaram, não se dando ao cuidado de fazer um exame previo dos elementos historicos expostos. Dai as colisões de datas, alguns desencontros de nomes e outros senões que se acham nos livros consagrados ao Maestro campineiro.

Admitido, e suficientemente provado, que nas biografias de Carlos Gomes há erros, cuidemos agora do "caso" do modesto caboclo sr. Jolumá Brito.

No artigo publicado no suple-



Monumento - mausoleu de Carlos Gomes, em Campinas

mento do "Correio Paulistano" de 7 de novembro de 1954 afirmou, baseado em pesquisas feitas nas antigas coleções do mesmo jornal, que em 1859 Carlos Gomes, coadjuvado por Levy e Sant'Ana Gomes, deu três concertos na Paulicéia, a 22, 27 e 30 de julho daquele ano. Nessa ocasião compôs o Hino Academico. Pouco depois fugiu para o Rio de Janeiro. O que me causava estranheza era que nas biografias do Maestro figurasse uma carta escrita pelo Tônico, na Côte, pedindo perdão ao pai pela fuga, com a data "22 de junho de 1859". Havia aí um flagrante

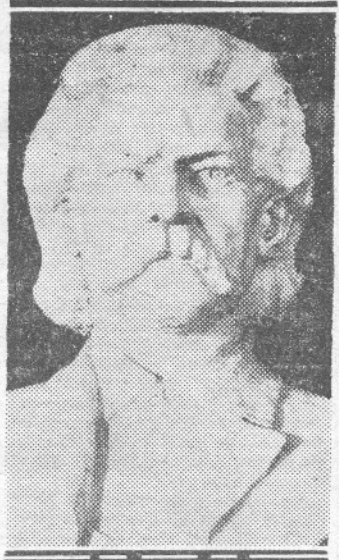
anacronismo, a exigir elucidação, uma vez que as datas por mim descobertas não figuram nas obras escritas sobre Carlos Gomes.

O sr. Jolumá Brito, que transcreveu em seu livro aquela carta (publicada em primeira mão por Luiz Guimarães Junior) não apreciou que viesse alguém abalar os comodos alicerces em que repousavam as suas opiniões. Silbilantemente, sem mais aquela, arranjou uma expedição para o assunto e lançou aos ventos da publicidade ("Diario do Povo", Campinas, 9-11-1954) esta algaravia, que precisarei decifrar trecho por trecho. Ei-la:

"Ora, o sr. Rezende, sem pensar ou citar que a estada de Carlos Gomes em São Paulo em companhia de seu mano não foi pela primeira vez. esqueceu-se também de consultar a sua vida pregressa. Os estudantes vieram a conhecê-lo, a ele, Carlos Gomes, em Campinas, em junho de 1859. Já por esse tempo o Sant'Ana andara e andava pela Capital da Garôa. O Tônico foi por ele carregado para lá, não só pelos estudantes, como também pelo seu entusiasmo e ali já havia se apresentado em 17 de abril de 1859, nos salões do Hotel da Italia. Lá voltou mais vezes. Lá se apresentou à capital artistica do Brasil, do futuro. Fugiu para o Rio de Janeiro; é o historiador Benedito Otavio quem o afirma — "só deixaremos consignado que a partida de Carlos Gomes para a então Capital do Imperio, via Santos, se deu a 20 de junho de 1859, data pouco sabida mas importante para a historia do Tônico de Campinas". — Já na Capital da atual Republica escreve ele a carta de 22 de junho de 1859, dois dias depois de sua fuga. Fica na Côte aguardando o perdão do pai que chega, afinal, dia 2 de julho de 1859. Em 1.º de julho desse ano fora falar à Condessa do Barral para levá-lo até ao Imperador D. Pedro II a quem foi apresentado na quinta-feira seguinte. Conseguindo seu intento, que fez o maestro? Voltou a São Paulo, naturalmente, e lá, em companhia do irmão apresenta-se de novo, não pela primeira vez. sr. Carlos Penteado de Rezende, ao publico paulistano, naquela série de espetaculos! Está claro? Ou ele, o futuro maestro da Abolição teria que ficar na Côte até seu intento de seguir para a Italia? Pode ser que sim, mas eu afirmo que não. A carta de 22 de junho de 1859 foi ditada pelo proprio Carlos Gomes ao sr. Luiz Guimarães Junior, seu primeiro biografo, quando o

maestro retornou ao Rio de uma de suas viagens, especialmente para ser publicada no Jornal do Comercio. Ele, o Tônico da cidade de Campinas ditou-a ao poeta seu amigo afirmando que traçara a "seguinte carta, de que CONSERVA AINDA HOJE O TEXTO PALAVRA POR PALAVRA."

I — Primeiramente, examinemos a alegação de que Carlos Gomes esteve mais de uma vez em São Paulo naquele ano de 1859, ou mesmo em anos anteriores. O sr. Jolumá Brito, que-remos crêr, extraiu essa informação do livrinho de Luiz Guimarães Junior, a fonte mais antiga a respeito de Carlos Gomes. Lá



Busto do grande maestro brasileiro

está, à pagina 21 da obra citada: "Sant'Ana Gomes começou a dar concertos, indo até São Paulo, seguido de Antonio Carlos, que o acompanhava ao piano." E' essa, no livro, a unica e pobre referencia e dela absolutamente não se pode concluir que o Tônico tenha vindo varias vezes à Capital. "Sant'Ana Gomes começou a dar concertos" — onde, como, quando? Tudo vago, como se vê. "Indo até São Paulo" — certa vez? por duas vezes? quando? Nada se infere do trecho.

Quirino dos Santos, campineiro e primeiranista de direito em 1859, traz a respeito esta breve noticia: "Um dia seu irmão (...) Sant'Ana Gomes, enfim resolveu-se ir a São Paulo dar alguns concertos e fazer-se conhecido.

Acompanha-o o nosso maestro. E' em 1859." Desse periodo tira-se uma conclusão inversa: se o Tônico foi atrás do irmão, que ia fazer-se conhecido na Capital em 1859, segue-se que Sant'Ana Gomes e aquele que o acompanhava não eram ainda ali conhecidos pessoalmente, nem haviam ainda ali dado concertos!

Salvador de Mendonça, Benedito Otavio, Almeida Nogueira e o proprio Henrique Luiz Levy dão a entender que Carlos Gomes "estreou" em São Paulo em 1859 e nada dizem a respeito de visitas sucessivas dos irmãos Gomes à Capital.

Outros argumentos contra a tese das varias passagens do Tônico por São Paulo: Carlos Gomes era pobre, trabalhava, estudava, não teria tempo para fazer turismo, nem o pai, severo, o permitiria. Ademais, a viagem de Campinas à Capital, a cavalo, levava de 3 a 4 dias! (Vide folhetim de Carlos Ferreira, "Correio Paulistano", 15-10-1876). Quer dizer, 3 ou 4 dias para vir, e outros tantos para voltar. Era um sacrificio, com os incomodos dos pousos à beira da estrada, as despesas de rações para os animais, gastos de hotel ou pensão, etc. Além de tudo, não havia em São Paulo teatros à disposição de concertistas (o unico e pobre teatrinho do Patio do Colegio abrigava quase sempre uma companhia, dramatica, ou então permanecia fechado em reformas...), nem o publico, mal preparado e inculto estaria assim interessado em ouvir seguidamente artistas jovens, ainda pouco conhecidos.

Quem iria alugar e pagar o teatro ou salão apropriado? Quem passaria os bilhetes? Quem faria a propaganda? Não era assim facil, naqueles tempos em que muitas familias residiam fora da capital, em chacaras ou fazendas, levar a cabo, com exito, audições musicais seguidas. E', pois, muito provavel que Carlos Gomes tenha vindo a São Paulo por mais de uma vez em 1859, ou em anos anteriores.

A tudo isso posso acrescentar, com segurança, que pesquisei de novo a coleção do "Correio Paulistano" do ano de 1859 e não achei nenhuma referencia, nem nenhum traço da passagem dos irmãos Gomes por São Paulo nos meses de março, abril, maio e junho. Só em julho é que o jornal dá noticia da presença deles na capital.

Como conheço, de pesquisas anteriores, as primitivas coleções daquele jornal, posso tambem afirmar o seguinte: Em 1854 e 1855

(Continua na pag. 12)



CARLOS GOMES, numa homenagem da "Revista Ilustrada", publicada no Rio em 1880

naquella o "Correio Paulistano" sobre Carlos Gomes; a coleção de 1859 não existe nem na redação do jornal, nem na Biblioteca da Faculdade de Direito; em 1857, duas referências encontrei: aos 14 de fevereiro publicou o jornal correspondência de Campinas, assinada por J. M. A. Cruz e J. E. D. Ramos Junior, fértil em elogios ao moço Carlos Gomes, e aos 29 de junho de 1857, um anúncio expressivo de tres composições do Tônico; em 1858, de novo o effluvio em torno de Carlos G.

— Para de suas alegações, o sr. Jolumá Brito se confunde todo, mete os pés pelas mãos, ao asseverar que os estudantes vieram a conhecer Carlos Gomes em Campinas em junho de 1859, para logo mais garantir que o Tônico foi "carregado" por Sant'Ana Gomes para São Paulo" e ali já havia se apresentado em 17 de abril de 1859, nos salões do Hotel da Italia". O proprio sr. Jolumá Brito não sabe em que mês foi que Carlos Gomes ficou conhecendo os academicos de direito!

Ora, ha aí nesse trecho duas ou tres "batatas" saborosas. Não houve nenhum concerto em São Paulo em 17 de abril de 1859 de que o jornal desse noticia. Nesse dia, é quase certo, Carlos Gomes estava em Campinas, preparando-se talvez para o concerto que o jornal "Aurora Campineira" (do mesmo dia 17) anunciava para o sabado de aleluia, 23 de abril, concerto a ser dado pelo Tônico, Sant'Ana Gomes e H. L. Levy! A referencia ao Hotel da Italia foi copiada de Almeida Nogueira (Ob. cit., Quinta Serie, pag. 187) e está errada! Errada por um motivo muito simples: Almeida Nogueira não faz qualquer menção ao mês de abril, e aliás em abril de 1859 não existia ainda o Hotel da Italia! Se o sr. Jolumá Brito se dar ao trabalho de consultar o "Correio Paulistano", poderá ler na edição de 11 de agosto de 1859 este anúncio:

"HOTEL DE ITALIA. Rua Direita — Aos Quatro Cantos. Este novo estabelecimento no qual seu proprietario se tem esmerado em o aprontar digno desta capital: — Abre-se sabado 13 do corrente à concorrência do publico".

No dia 14 de agosto o mesmo jornal noticiou a abertura do Hotel da Italia. "Tableau!"

— Logo após, lembra o sr. Jolumá Brito, baseando-se em Benedito Otavio, que Carlos Gomes fugiu para o Rio de Janeiro aos 20 de junho de 1859, aos 22 de junho, já na Corte, escreve carta ao pai, e falou em seguida com a Condessa do Barral, que o apresentou a D. Pedro II: "Conseguindo seu intento, que fez o maestro? Voltou a São Paulo, naturalmente, e lá em companhia do irmão apresentava-se de novo, não pela primeira vez, sr. Carlos Penteado de Resende, ao publico paulistano, naquella série de espetaculos! Está claro?"

Não está, não, senhor biografo trapalhão. E já lhe direi porque! Esta "novidade" não consta do seu proprio livro, escrito após dez anos de pesquisas, nem conheço autor que afirme haver Carlos Gomes fugido (com sacrificio, com dinheiro emprestado e contra a vontade do pai) para o Rio de Janeiro, a fim de lá estudar, para duas semanas depois, numa época de viagens dificeis, estar em

São Paulo dando concertos gratuitos! Donde concluo, sr. Jolumá Brito, que essa interpretação foi arranjada às pressas, é argumento de ultima hora, fruto de sua imaginação, sem base em documentos conhecidos, apenas "pour épater le bourgeois", no caso os seus leitores.

Quanto à assertiva de que a carta de 22 de junho de 1859 fora "ditada" por Carlos Gomes a Luiz Guimarães Junior, já vimos o credito que podem merecer as paginas cheias de pequenos erros do primeiro biografo de Carlos Gomes. Será que ainda existe o original dessa missiva? Luiz Guimarães Junior mostra-se obscuro ao revelar que o Tônico "traçou a seguinte carta, de que conserva ainda hoje (1870) o texto palavra por palavra". Conserva o que: o texto original, o papel em que foi escrita, ou conserva de memoria o texto, palavra por palavra? Ou teria tracado a carta palavra por palavra? Eis aí como é difficil fazer historia! De qualquer modo, não podemos sem confirmação dar como inteiramente verdadeiro o documento divulgado em 1870 nas paginas do livrinho de Luiz Guimarães Junior. Ainda mais que a data nele contida collide com as informações de valor historico positivo ainda hoje encontraveis nas velhas coleções do "Correio Paulistano".

* * *

Nomes, datas, pequenos fatos, tudo isso bagatelas, se levarmos em consideração os grandes lineamentos da Historia social ou individual. Mas é com tijolos que se constroem os grandes edificios. E se os tijolos forem frageis, inconsistentes, ou apenas mal colocados, ai dos edificios!

Esse nariz de cera se dirige ao sr. Jolumá Brito, de cuja obra li somente os trechos que mais de perto interessavam aos meus estudos. Foi, porém, o sufficiente para registrar ao acaso, na biografia em apreço, uma serie de falhas e enganosa e, tambem, inesperadamente, de plagios! Provarei tudo quanto affirmo.

Abra o leitor o livro do sr. Jolumá Brito — "Carlos Gomes" ("O Tônico de Campinas"), Livraria Editora Record, S. Paulo 1936. Entre as paginas 20, "infine", e 22, narra o A. fato ocorrido quanto Sant'Ana Gomes tinha 13 anos (nasceria em 1834, logo tratava-se do ano de 1847) e outro referente ao Tônico no decorrer do ano de 1848.

Colocadas, sem sombra de duvidas, as datas, vejamos o que atsevera o A.: "Sant'Ana Gomes, por essa epoca, ia sozinho, a convite de amigos, realizar um concerto em São Paulo. Tônico queria ir junto. Insistiu. Bateu os pés! Acompanharia-o ao piano. (Sic. Que linguagem!) Com muita relutancia o Juca consentiu. Em São Paulo, no dia seguinte ao do concerto, os amigos do Juca insistiram para que ele ficasse com o mano na Capital. Seu mano — diziam-lhe — é um genio". E a estudantada folgazã, que acompanhava Bittencourt Sampaio e Salvador Mendonça, o chefe da "republica", resolveu ir ao circo. Um circo dos artistas Custodio e Candido Ferraz — Companhia Brasileira". (Conta a seguir o caso, ocorrido no circo, da ferradura volante, que quebrou um dente de Carlos Gomes.)

Ora, será que o Juca, com 13

anos, e o Tônico, com 11, teriam essa liberdade de movimentos, o estudo sufficiente, o prestigio diante do publico, e o dinheiro necessario para estarem dando — sozinho! sem empresarios! — com licença do pai severo? — concertos variados em diferentes lugares? Ao que parece, Carlos Gomes de fato se exhibiu em Itu, e outras localidades, mas em épocas posteriores a 1847 — 1848, e quem sabe se numa só excursão. (Em São Paulo só temos a noticia referente a 1859.) O sr. Jolumá Brito, então, para dar variedade à sua narrativa, ampliou ao exagero a occorrença, desdobrando as viagens e os concertos do Tônico através do tempo e do espaço...

Mas eis aqui a prova do erro palmar contido nesse trecho: Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, o poeta do Hino Academico, estudou na Faculdade de Direito de São Paulo de 1855 a 1859. E' facilimo verificar isso na obra de Almeida Nogueira (Quinta Serie, pag. 187). Nascido em 1836 em Sergipe, regulava em idade com o Tônico. Por conseguinte, não poderia, nunca! estar aos 11 ou 12 anos de idade (em 1847 ou 1848), frequentando o Curso Juridico paulistano! Tambem o outro estudante citado, Salvador de Mendonça, foi vitima das cincadas do sr. Jolumá Brito. Nascido em 1841 na Provincia do Rio de Janeiro, frequentou o 1.º ano da Academia de Direito de São Paulo em 1859. (Fez o 2.º ano em 1860 e, interrompendo os estudos veio a formar-se em 1869.) Assim sendo, na epoca assinalada pelo sr. Jolumá Brito, Salvador de Mendonça teria mais ou menos 7 anos de idade. E o que iria fazer ele, coitado! com 7 anos, no meio da "estudentada folgazã"?

Outra circunstancia desfavoravel ao sr. Jolumá: o circo denominado "Companhia Brasileira Equestre e Ginastica", dirigido pelos srs. Custodio Amazonas e Candido Ferraz de Oliveira, de fato existiu e de fato esteve em São Paulo. Foi num de seus espetaculos, conforme narraram Rafael Duarte e Salvador de Mendonça, que o Tônico teve um dente avariado por uma ferradura que se soltou de um cavalo a galope. Ora, Salvador de Mendonça, que viu Carlos Gomes chorando por causa desse fato, estudou em São Paulo em 1859, e não antes!

Todavia, se o sr. Jolumá quiser provas provadas, é só consultar as coleções do "Correio Paulistano". Aos 16 de junho de 1859 a Companhia Brasileira fez o seu primeiro anuncio. Aos 22 de junho de 1859 avisou que se o tempo ajudasse daria o seu primeiro espetaculo, como em verdade deu. (Nesse dia 22, segundo o sr. Jolumá, Carlos Gomes estaria no Rio de Janeiro!) E permaneceu em São Paulo até o seu ultimo espetaculo, aos 16 de julho de 1859. Tudo isso demonstra que o trecho acima citado do sr. Jolumá Brito contém incriveis anacronismos.

Passemos, porém, adiante. Abra o leitor a "completa biografia" escrita pelo sr. Jolumá e à pagina 24 poderá ler este trecho: "Vamos encontrá-lo, ainda assim, em junho de 1859. As festas da Semana Santa, que sempre eram pomposas na cidade, iam

ser iniciadas." Leram bem? Em junho iam começar as festas da Semana Santa! O sr. Jolumá parece ter pretendido reformar o calendário da Igreja... Qualquer cristão sabe em que época do ano se efetuam as cerimônias da Semana Santa. Não é difícil, porém, encontrar nos jornais de 1859 os dias certos daquela semana. Eilos: a quinta-feira santa caiu num dia 21 de abril; sexta-feira da paixão, 22 de abril; sábado de aleluia, 23 de abril; domingo, 24 de abril. "Tableau"!

Na mesma pagina 24 vem este período: "Em 17 de abril de 1859, num sábado de aleluia (errado! sábado foi dia 23) foram todos para o São Carlos. Ia se realizar o concerto promovido pelo Tónico, Henrique Luiz e Sant'Ana Gomes, que durante todo o espectáculo foram aplaudidos com calor."

O São Carlos era o teatro de Campinas. Guardem bem a data: 17 de abril de 1859. Passando os olhos para a pagina seguinte, 25, lê-se:

"E assim, na noite de 17 de abril de 1859, os salões do Hotel da Italia, que havia sido recentemente fundado por José Maragliano (errado! O Hotel da Italia inaugurou-se em agosto de 1859) se abriram para acolher o elegante publico paulistano ansioso por ouvir os irmãos Gomes, que tanta fama e barulho precedera! Aquella noite fôra de triunfos para os dois irmãos."

Eu não queria, mas sou obrigado a acreditar no que os meus olhos leram: no dia 17 de abril de 1859 Carlos Gomes, qual resurrecto Santo Antonio, num tempo em que as viagens a cavallo entre as duas cidades demoravam de 3 a 4 dias, estava simultaneamente em Campinas e em São Paulo!? Depois disso, o sr. Jolumá poderá dar palpites em circulos de magos e feiticeiros, mas não entre literatos e historiadores que se prezam...

Prossigamos. Entre as paginas 27 e 31 de seu livro, o sr. Jolumá Brito descreve como Carlos Gomes, depois de se apresentar em publico em São Paulo na noite de 20 de junho de 1859, partiu para Santos de madrugada, embarcou no vapor "Piratininga" — cujo comandante se chamava Carlos Antonio Gomes — e por fim chegou à Corte, onde a 22 de junho escreveu a discutida carta ao pai.

Essas informações foram por ele cõlhidas, quase todas, no livrinho de Luiz Guimarães Junior. Note-se que o sr. Jolumá afirma nesse trecho que na noite de 20 de junho houve um concerto de Carlos Gomes em São Paulo, e já no seu artiguete para o "Diário do Povo" repete Benedito Otavio, dizendo que a partida do Tónico para a Corte, via Santos, se deu a 20 de junho... Convenhamos que seria partir com muita pressa, antes da meia-noite, e por aquelas invias e escuras estradas de outrora!

Um unico motivo poderia justificar a partida rapida de Carlos Gomes para Santos: a data de saída da embarcação que o levaria ao Rio de Janeiro. Não havia vapores diários entre Santos e a Guanabara, e os poucos que faziam essa linha obedeciam a uma tabela invariavel. Portanto, algum velho jornal do Rio de Janeiro, ou de Santos, deveria conter elementos esclarecedores do assunto.

De fato, fui achar na Biblioteca da Faculdade de Direito do largo de São Francisco o "Correio Mercantil", do Rio de Janeiro. E' um jornalão, tipo "Jornal do Comercio" carioca atual. Bem conservado, contém quase todos os numeros do ano de 1859. (Indicação na ficha para quem quiser consultar: N4-30-12 e 13). Pois percorri as vetustas paginas

do "Correio Mercantil", desde 23 de abril de 1859 até outubro-novembro daquele ano. Se não encontrrei elementos positivos para esclarecer de uma vez a data da partida de Carlos Gomes, deparei, porém, com outros que servem para corrigir mais alguns erros que por aí circulam nas biografias do Tónico.

O "Correio Mercantil" mantinha secção diaria com o titulo "Registro do Porto", dando as entradas e saídas de navios, os portos de procedencia e a relação dos passageiros. As viagens entre Santos e a Corte duravam aproximadamente 24 horas. Ora, Carlos Gomes, segundo o sr. Jolumá Brito, partindo de São Paulo a 20 de junho, teria tomado o vapor "Piratininga" em Santos no dia 21, para estar na Guanabara no dia 22.

Muito bem. Vejamos o que o Registro do Porto publicado no "Correio Mercantil" nos revela: no dia 21 de junho de 1859 nenhum embarcação de Santos entrou no porto do Rio de Janeiro. No dia 22, sim, entrou uma, com 21 horas de viagem: o vapor "Josefina", de 188 toneladas, tendo como mestre o sr. C. A. Gomes (sic.). Trouxe varios passageiros, que o jornal relaciona: e ali não consta o nome de Carlos Gomes, nem o de Henrique Luiz Levy, o qual Levy na sua carta citada afirma haver acompanhado o Tónico na viagem. Ora, sim, senhores! (Nos dias 23, 24, 25 e 26 de junho, mais nenhum navio chegou de Santos. No dia 27 de junho, sim, o vapor Itabé, comandante Fonseca, e nada de Carlos Gomes entre os passageiros.) Teria o Tónico viajado com nome suposto? Por que motivo? Ser-lhe-ia possivel ocultar a identidade? Se embarcou com Levy, este, sendo estrangeiro, francês, e alem do mais comerciante, não se arriscaria a enfrentar as autoridades ocultando seu verdadeiro nome. Eis aí alguns enigmas a serem resolvidos.

O que se pode estabelecer desde já é o seguinte: o mestre (mestre, revela o dicionario, é "o maritimo que tem a seu cargo comandar um navio mercante de pouca consideração") que dirigia o "Josefina" chamava-se C. Antonio Gomes. (Não encontrrei o nome inteiro. Para o que ai está vide "Correio Mercantil", 3-5-1859). A informação de Luis Guimarães Junior tem, pois, nesse ponto, algum fundamento... Quanto ao vapor "Piratininga", de 230 toneladas, tinha como comandante o 1.º tenente Pereira da Cunha, ou da Costa. (Vide "Correio Mercantil" 8 de maio e 31 de agosto de 1859). O "Piratininga", aliás, parece não haver feito durante algum tempo viagens a Santos, pois pelo menos em junho o seu não não aparece no Registro.

Tentando descobrir em que data teria Carlos Gomes embarcado para o Rio de Janeiro, consultei ainda um jornal de Santos, "O Commercial", que saia uma vez por semana e circulou desde 1857 até 1860. A coleção, muito rara, acha-se em poder da respeitavel senhora d. Helena de Azevedo Marques, filha do fundador daquele periódico. Mas tambem em "O Commercial" nada achei que me esclarecesse a respeito.

Ficam, todavia, pulverizadas as alegações do sr. Jolumá Brito e de outros autores, pois nem o "Correio Paulistano" dá noticia, em junho, do exito de Carlos Gomes em São Paulo (em julho, sim!), nem o "Correio Mercantil" informa que o Tónico tenha saldo de Santos no vapor "Piratininga" e desembarcado na Corte no dia 22 de junho!

Permanece, assim, de pé, desafiador, este pequeno problema: quando partiu Carlos Gomes para a Capital do Imperio?

Passemos agora ao desagradavel assunto dos plagios. Plagios podem ser frutos de uma distração ocasional e impensada, podem ser uma leviandade, e nesses casos talvez se justifique serem perdoados. Se se revestem, todavia, de má fé, intercalando o autor entre os periodos que escreveu trechos inteiros tirados de outros livros, sem pôr aspas, nem qualquer indicação de procedencia, aí então temos o dever de aponta-lo ao julgamento publico. E' o que farei, embora a contragosto, em relação ao sr. Jolumá Brito.

Os trechos por mim verificados são poucos, pois como disse não li por inteiro o livro do sr. Jolumá. Poucos, mas expressivos e concludentes. Plagio parcial e caracterizado. Se pelo dedo se conhece o gigante, pelo tamanho se localiza o pigmeu...

Pgs. 25 (in fine) e 26 do livro do sr. Jolumá: "Depois do primeiro concerto no classico teatro São Paulo, não deixaram mais o Tónico repousar. Todos o queriam, todos desejavam o Tónico de Campinas, todos o procuravam para lhe dar um abraço e cinco apertos de mão à moda dos estudantes".

Abra agora o leitor o livrinho de Luiz Guimarães Junior (existente na Biblioteca Municipal de São Paulo, secção de obras raras), abra e leia a pagina 24: "Depois do primeiro concerto no classico teatro de São Paulo, não o deixaram mais repousar! Todos o queriam, todos o desejavam, todos o procuravam para dar-lhe um abraço e cinco apertos de mão à moda da mocidade, que é a moda britânica!"

Confere? Vejamos outra passagem.

Pg. 26 do livro do sr. Jolumá: "Depois do concerto vinha um bando alegre troçar em volta de Antonio Carlos, sentado ao piano. O mais fino espirito e as mais graciosas ideias". (sic.).

Luiz Guimarães Junior, pg. 24: "Depois do concerto vinha um bando alegre trocar em volta de Antonio Carlos, sentado ao piano, o mais fino espirito e as mais graciosas ideias".

Prossigamos. Jolumá Brito, pgs. 27-28: "Depois do concerto houve congresso "republica" onde se hospedara Antonio Carlos. O piano, o champanhe, os ditos espirituosos, o calor, do entusiasmo contagioso transtornara as cabeças e os corações daquela chusma de rapazes.

— Para o Rio, Carlos.
— Vai, Antonio Carlos.
— Vai, Gomes.
— Vou mesmo! — bradou ele com o olhar abrasado e o rosto fulgurante. — Vou. Mandem buscar um burro já e amanhã es-
"Bittencourt Sampaio riu-se. Sant'Ana Gomes conhecia o genio do irmão, que era impiedoso e violento.

— Pois eu irei hoje mesmo, daqui há pouco, — disse Gomes, levantando-se. Uma salva de palmas, geral, acolheu a resposta em toda a fileira.

— Mandem buscar um burro, um asno, um camelo qualquer — bradou ainda Antonio Carlos, empunhando um copo de champagne".

Luiz Guimarães Junior, pg. 25 (Reparem como neste trecho, alem da copia literal, aparece a descoberto um "trabalhinho" de interpolação feito acima pelo sr. Jolumá): "Depois do concerto houve congresso na republica onde se hospedar o maestro. O piano, o champagne, os ditos espirituosos, o calor do entusiasmo contagioso, transformara as cabeças e os corações daquela chusma de esperanças reunidas!"

